

MUSICAL FIDELITY A308

## O som duplicado

**Se fosse político, Antony Michaelson, da Musical Fidelity, era o Paulo Portas britânico: tem telhados de vidro, é vaidoso, tem mau feito, mas sabe o que quer e dá uma luta do caraças. Ainda por cima fala francês e toca clarinete**

TEXTO DE JOSÉ VÍCTOR HENRIQUES

A MUSICAL FIDELITY PRODUZIU O CONJUNTO amp/leitor CD Nu-Vista com tiragem limitada. Apesar do preço elevado, esgotaram-se. Foram produzidos 500 exemplares numerados e certificados que são hoje peças de colecção. Quem comprou, ganhou. A perder ficava Antony Michaelson, se não aproveitasse o vento de feição. A MF lançou agora a versão 308, que é a série Nu-Vista chapada com transistores no lugar das «nuvistor», as válvulas anãs tão raras quanto originais. Digamos que é o mesmo bolo, só que um tem passas e o outro pinhões. E o sabor? O próprio Antony admite que não ficaria surpreendido se houver quem prefira os «308», que são até relativamente mais baratos. Ainda bem que é assim, porque depois de o ter apodado de «bife empertigado», ele podia pensar que eu gostava mais dos «308» que dos Nu-Vista só para o chatear.

Quando os liguei (comecei pelo leitor-CD), percebi logo que o Nu-Vista 3CD e o CD A308 eram como duas gotas de água. Afinal, o segredo do som não estaria nas «nuvistor» mas no resto: upsampling automático para 96kHz, no «jitter» muito baixo e na fonte de alimentação regulada por «choke» (filtragem por bobina).

Bastava-me procurar no meu computador o que escrevera sobre os Nu-Vista, definir, copiar e transportar. Ninguém ia dar por nada. E não creio que algum dia venha a ser criada uma comissão de inquérito para investigar este auto-plágio. Pois se há quem me copie descaradamente todos os meses e ninguém faz nada...

Quanto testei o Nu-Vista 3CD comparei-o com o Krell KPS28c. E escrevi assim:

«Este é um dos casos paradigmáticos de Yin e Yang. Digamos que o KPS28 favorece a voz masculina e o 3CD a voz feminina; o primeiro tem da guitarra e do violino o conceito de um instrumento de caixa com cordas; o segundo, o de um instrumento de cordas com caixa. O KPS28c pinta o palco sonoro com os tons e a textura do pastel; o 3CD é um desenho a tinta da China com a minúcia e a precisão de um arquitecto. Associe o KPS28c a termos como: cheio, amplo, envolvente, autoritário, poderoso; já o 3D suscita-me associações de: claridade, limpeza, focagem, recorte. À sua maneira são ambos extremamente transpa-



A308 Amp. Integrado dual-mono

rentes, permitindo «ver» em profundidade dentro do palco sonoro. Mas enquanto o KPS28 privilegia o colectivo sem prejudicar o indivíduo; o 3CD privilegia o indivíduo sem pôr em causa o colectivo. Digamos que o primeiro é socialista e o segundo social-democrata. É na reprodução do som do piano que estas duas «ideologias» são mais evidentes. O piano é, sem dúvida, o mais «colectivo» dos instrumentos individuais, o único que se pode substituir a uma orquestra, como no caso dos estudos transcendentais ou das sonatas de Liszt. Nada como a virtuosa Valentina Lisitsa, num registo Audiofon do grande Peter McGrath (a mais extraordinária gravação de um piano alguma vez registada), para solicitar as potencialidades sonoras do instrumento. O KPS28c é mais escuro, mais emotivo, mais introspectivo, mais profundo, como se sobre as notas houvesse um fugaz véu negro de viúva balzaquiana, mais formal que eficaz: deixa adivinhar o que pretende cobrir, é erótico e excitante. O Nu-Vista 3CD

despe Valentina do manto diáfano da insuperável técnica e não deixa tecla sobre tecla: o som é limpo, fresco, cristalino, maravilhoso, com total ausência de «ringing» (vantagem do «up-sampling?»), alvo e leve como um véu de noiva feliz (sem nada por baixo!). Toda nua, só com um véu? Onde é que eu já ouvi isto?...

O leitor-CD A308 obteve na minha tabela a mesma classificação que o seu irmão Nu-Vista. Com a vantagem de ser, se a memória não me falha, menos incisivo. Continua a despir Valentina mas agora com pudor afectivo e já não com a gula lasciva do «voyeur». Isto apesar de o adversário ter sido desta feita o fabuloso conversor Chord DAC64 (a minha referência absoluta na audição de CDs). Sobre ele escrevi recentemente:

«Notas? Sons? Frequências? Qualquer computador identifica uma voz humana pela análise do espectro. Mas pode ele adivinhar nas pausas, nos silêncios, o amor, a felicidade, a angústia, o ódio, o medo, a raiva, a dor? Como

pensa que as mães reconhecem o choro dos filhos na maternidade? Com o ouvido ou com o coração?...

O Chord DAC64 tem esse raro dom de reproduzir a luz interior que emana dos próprios intervenientes envolvidos no processo musical, brilhando como uma aura de santidade, só detectável pelos iniciados, que os individualiza física e espiritualmente, revelando a sua presença e a força dos seus sentimentos». O leitor-CD A 308 tem um pouco menos de alma, de instinto maternal, que o DAC64. É mais masculino e jovem. Se fosse vinho era um Beaujolais: frutado, límpido, com um «piquinho» delicioso.

Seguiu-se a audição do amplificador integrado A308 (150W s/8 Ohms; 300W s/40hms; elevada tensão de pico: 99V; e de corrente: 48 Amperes; e de factor de amortecimento: 140, o que pressupõe graves sólidos) sempre com a memória auditiva do Nu-Vista M3 em pano de fundo e o apoio da memória escrita:

«O M3 tem uma transparência única e uma riqueza de pormenor que só experimentei com amplificadores Chord: o mesmo grave tenso e articulado; a mesma resposta pronta com soluções micro e macro dinâmicas que não cessam de surpreender o ouvinte. No agudo superioriza-se até, é de uma graciosidade e subtilidade notáveis, sem grão ou quaisquer outros artefactos electrónicos para nos estragar o prazer da audição. Os registos médios soam, numa primeira análise, um pouco secos, despidos (NU?), mas cedo nos apercebemos que se trata de uma opção a raiar o fundamentalismo acústico. A precisão da focagem e a individualização de naipes e timbres é perfeita em toda a dimensão, melhor, em todas as dimensões do palco sonoro, com o negro do silêncio a contrastar com a claridade ímpar dos sons prenhos de detalhes ínfimos. Quando muito instado (o M3 nunca dá parte de fraco), instala-se uma vaga sugestão de dureza que cedo se esquece face à musicalidade reinante em toda a extensão do espectro audível: das profundezas oceânicas dos graves às alturas celestiais onde se cantam hosanas à perfeição divina dos agudos».

Agora rasure termos como «seco», «despido» ou expressões como «vaga sugestão de dureza», deixe ao lume durante uma semana e tem o MF A308. Mais por menos é o que o «MF A308 Dual-Mono Integrated Amplifier» lhe dá. Coisa rara nos tempos que correm. E tem entrada phono: mm/mc. E controlo remoto que não lhe deve nunca tirar o gozo de mexer naquele botãoão central. Pronto, admito que o Nu-Vista M3 tem mais poder e controlo e é mais autoritário que o A308. Mas para autoritário já temos o Bush, e eu até nem gosto de música árabe... ■

PS (1): Os A 308 trazem como bónus um CD das Sonatas para Clarinete de Brahms. Intérpretes: Antony Michaelson, clarinete; Ingrid Jacoby, piano.

PS (2): A trilogia Musical Fidelity ficará completa com a superversão Tri-Vista leitor-CD/SACD+amplificador integrado (ver reportagem Londres 2002). Devem chegar esta semana a Portugal e já estou a salivar...

**Produto: MF A308 Leitor-CD: 3.565 euros**  
**Amp. Int.: 2.550 euros Distribuidor oficial:**  
**Sintonia Fina, Lda., Av. Gago Coutinho, It. 2**  
**c/v, S. João do Estoril, telef. 21.464.79.30**  
**sintonia.fina@netcabo.pt**